

**RELAÇÕES DE TRABALHO E PRECARIZAÇÃO NA INDÚSTRIA
TÊXTIL DE PARAGUAÇU-MG: O CASO DA PRODUÇÃO DE
TERNOS**

**WORK RELATIONS AND PRECARIZATION IN THE TEXTILE
INDUSTRY OF PARAGUAÇU-MG: THE CASE OF SUIT
PRODUCTION**

**RELACIONES DE TRABAJO Y PRECARIZACIÓN EN LA
INDUSTRIA TEXTIL DE PARAGUAÇU-MG: EL CASO DE LA
PRODUCCIÓN DE TRAJES**

Thiago Verissimo Esteves¹
verissimo_03@hotmail.com

Flamarion Dutra Alves²
flamarion.dutra@unifal-mg.edu.br

Resumo

O presente artigo tem como o objetivo desse artigo abordar a dinâmica do trabalho e as características das indústrias têxteis de ternos no município de Paraguaçu – Minas Gerais. A cidade mostra como a acumulação flexível e reestruturação produtiva criam relações de trabalho precárias no contexto de uma cidade pequena, calcadas na baixa remuneração, qualificação inexistente e constantes danos aos direitos trabalhistas. Para compreensão desse processo, foram realizadas pesquisas em dados secundários do IBGE – Cadastro Central de Empresas, assim como, realização de entrevistas com trabalhadores do setor têxtil. A dependência econômica da cidade em relação a atividade têxtil, fragiliza as ações dos sindicatos e poder público, pois a desconcentração industrial dos grandes centros, visa essa dinâmica nas cidades pequenas.

Palavras chaves: Indústria têxtil; Relações de Trabalho; Ternos; Sul de Minas Gerais, Cidade Pequena.

Abstract

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas – MG (UNIFAL-MG). Membro do Grupo de Estudos Regionais e Socioespaciais – GERES – UNIFAL-MG.

² Doutor em Geografia pela UNESP Rio Claro. Professor no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Alfenas – MG (UNIFAL-MG) e do Programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

This article aims to address the dynamics of work and the characteristics of the textile industries in suits in the city of Paraguaçu - Minas Gerais. The city shows how flexible accumulation and productive restructuring create precarious work relationships in the context of a small city, based on low wages, nonexistent qualifications and constant damage to labor rights. To understand this process, research was carried out on secondary data from IBGE - Central Business Register, as well as interviews with workers in the textile sector. The city's economic dependence on textile activity weakens the actions of the unions and the public authorities, since the industrial deconcentration of large centers is aimed at this dynamic in small cities.

Keywords: Textile Industry; Work Relations; Suits; South of Minas Gerais; Small City.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo abordar la dinámica del trabajo y las características de las industrias textiles en trajes en la ciudad de Paraguaçu - Minas Gerais. La ciudad muestra cómo la acumulación flexible y la reestructuración productiva crean relaciones laborales precarias en el contexto de una ciudad pequeña, basadas en salarios bajos, calificaciones inexistentes y daños constantes a los derechos laborales. Para comprender este proceso, se investigó sobre datos secundarios del IBGE - Registro Central de Empresas, así como entrevistas a trabajadores del sector textil. La dependencia económica de la ciudad de la actividad textil debilita la acción de los sindicatos y los poderes públicos, ya que la desconcentración industrial de los grandes centros tiene como objetivo esta dinámica en las pequeñas ciudades.

Palabras clave: Industria textil; Relaciones de Trabajo; Trajes; Sur de Minas Gerais; Ciudad pequeña.

Introdução

O setor têxtil brasileiro apresenta uma dinâmica de trabalho atrelada com a lógica da flexibilização da produção com vistas a atender à demanda do mercado externo (LEITE, 2004). Essa flexibilização produtiva divide as funções que antes ficavam concentradas numa única fábrica e divide-se em empresas terceirizadas, pessoas físicas e trabalhadores temporários. Esse sistema está comprometido com a diminuição dos direitos trabalhistas, ampliação da produção, redução dos custos e ampliação do lucro (HARVEY, 2010, ANTUNES, 2009, ANTUNES e DRUCK, 2015).

A indústria brasileira do setor têxtil foi se transformando nas últimas décadas, conforme as mudanças no cenário econômico mundial. A presença de produtos chineses aumentou a competitividade do setor, e muitas indústrias nacionais não conseguiram acompanhar e conquistar mercado interno e externo. Nessa lógica do mercado global, as

relações de trabalho precarizaram em alguns setores, seja na divisão social do trabalho por meio das facções³, seja pela baixa remuneração e direitos trabalhistas ou ainda, na desconcentração industrial, das regiões metropolitanas para cidades pequenas e médias, onde inexistem sindicatos de trabalhadores atuantes e as relações patrão-empregado são bastante divergentes.

Nesse sentido, o objetivo desse artigo abordará a dinâmica do trabalho e as características das indústrias têxteis de ternos no município de Paraguaçu-MG, bem como analisar as características dos trabalhadores e como essa atividade econômica se desenvolve e transforma em cidades pequenas, longe dos grandes centros urbanos.

Metodologia

Para desenvolvimento da pesquisa foram consultadas e utilizadas informações existentes sobre a indústria têxtil no município de Paraguaçu-MG, de caráter secundário e primário, para uma melhor compreensão da realidade industrial local. Além disso, foram consultadas bibliografias acerca da geografia do trabalho, geografia econômica, e sobre as cidades pequenas, assim como, as relações de trabalho no segmento têxtil no Brasil e no mundo, do ponto de vista histórico-geográfico.

Para exposição de dados sobre o tema foram consultados levantamentos feitos por órgãos públicos e privados dentre eles: ABIT, FEAM, IBGE, RAIS, e em plataformas por meio do uso da internet.

Numa segunda etapa, foi realizada uma pesquisa de campo com entrevistas a proprietários e funcionários das indústrias de ternos, assim como a aplicação de questionários para tentar entender as relações de trabalho e levantar dados para caracterização e diagnóstico do setor têxtil do terno em Paraguaçu. Inicialmente foram aplicados 29 questionários a trabalhadores de várias empresas do setor nos anos de 2014 a 2016. O número de questionários aplicados se deve a repetição de respostas referente às perguntas elaboradas, e conforme Gil (2010) à medida que as respostas se repetem com frequência os dados são confiáveis do universo da amostra. O diferencial é o que trouxe grandes contribuições à

³ Facções são etapas no processo produtivo têxtil, onde as empresas contratam pessoas para executarem algumas atividades, como costura, bordado, pregar botões entre outras. Essa terceirização barateia o custo de produção para o empresário, e há uma exploração do trabalhador, pois essa facção, geralmente, ocorre na residência do trabalhador.

pesquisa foram as entrevistas com os trabalhadores e alguns que aposentaram-se trabalhando na produção têxtil de Paraguaçu-MG. Quanto a entrevistas com empresários, teve-se dificuldade na disponibilidade e adesão a pesquisa.

Na pesquisa de campo, procurou-se entender elementos da remuneração, jornada de trabalho, relações com o patrão, segurança do trabalho, qualificação e capacitação, relação com sindicato dos trabalhadores e demais indicadores das relações de trabalho.

As cidades pequenas frente à desconcentração industrial e o caso de Paraguaçu-MG

O município de Paraguaçu-MG está localizado no sul do estado de Minas Gerais (Figura 1), na mesorregião do Sul/Sudoeste de Minas, na Região Geográfica Imediata de Alfenas-MG, com uma população estimada em 21.605 habitantes (IBGE, 2020).

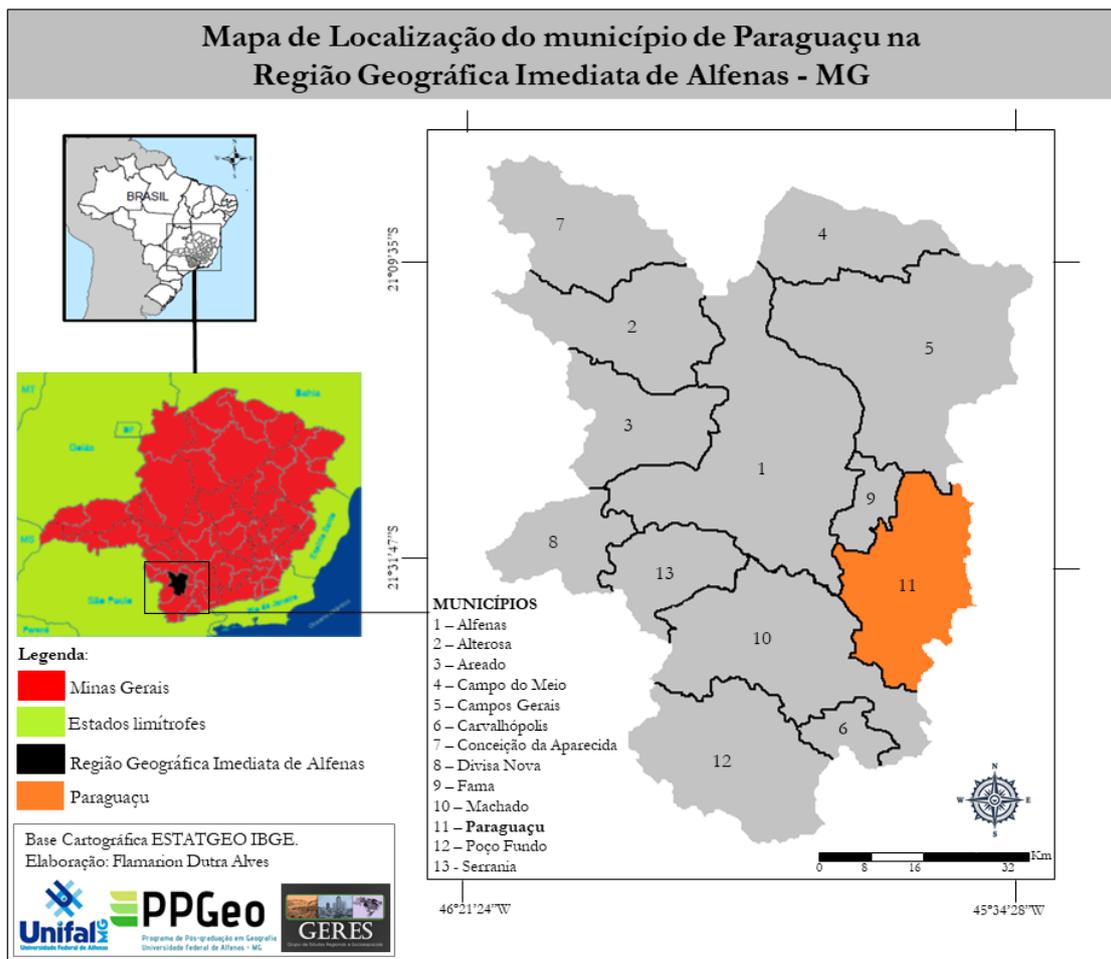


Figura 1 – Mapa de localização do município de Paraguaçu-MG, na Região Geográfica Imediata de Alfenas-MG.

Elaboração: Os autores.

A localização de Paraguaçu é atrativa do ponto de vista da desconcentração industrial, das regiões metropolitanas, principalmente de São Paulo. O município está a 59 km da rodovia Fernão Dias, que liga São Paulo e Belo Horizonte. E por esse motivo, está próximo de grandes centros urbanos e as principais vias de transporte para circulação das mercadorias, facilitando as interações espaciais (CORRÊA, 1997).

A partir dos dados oficiais, em 2017 a economia de Paraguaçu-MG baseia-se no setor de serviços, como principal atividade econômica e o setor industrial sendo o segundo que mais circula capital na cidade (Tabela 1).

Tabela 1- Desenvolvimento do Produto Interno Bruto de Paraguaçu-MG, por segmentos entre 2004, 2010, 2014 e 2017 (R\$ x1000).

Atividade	2004	2010	2014	2017
Agropecuária	32.106	53.324	59.198	56.689
Indústria	28.932	57.500	76.482	97.918
Serviços	43.713	91.681	140.073	188.633
Administração Pública	21.130	43.455	67.105	86.786
PIB TOTAL	125.880	245.960	342.859	430.028

Fonte: IBGE Cidades, 2020 e IMRS (Índice Mineiro de Responsabilidade Social), 2017.

Conforme aponta a tabela 1, o município de Paraguaçu apresenta uma característica distinta dos demais municípios do interior de Minas Gerais, pois tem na indústria a segunda produção de capital, com 22,8% do PIB. A característica marcante no sul de Minas é a cafeicultura e a economia associada as atividades agropecuárias, sobretudo nas cidades pequenas (ALVES, 2016, 2018; ALVES e MANOEL, 2018).

Com a existência de vários estabelecimentos comerciais ligados a indústria têxtil dos ternos, a cidade tem uma certa dependência desse segmento na sua organização econômica.

Conforme observa-se na tabela 1, desde 2010 a atividade industrial, passou a ser mais importante que a atividade agropecuária, isso deve ser destacado, pois a região sul mineira é tradicionalmente e referência na produção de café no Brasil, isso demonstra como a especialização na indústria de ternos impactou na produção do espaço e na divisão social e territorial do trabalho.

Conforme os dados do Cadastro Central de Empresas em 2018, Paraguaçu tem 5 fábricas e 45 confecções/facções têxteis (tabela 2).

Tabela 2 –Número de fábricas e confecções/facções têxteis e trabalhadores assalariados em cada segmento entre 2006 e 2018 em Paraguaçu-MG.

Ano	Fábricas	Pessoal ocupado assalariado	Confecções	Pessoal ocupado assalariado	Total de Pessoal ocupado assalariado
2006	6	504	19	671	1175
2007	6	469	23	691	1160
2008	6	512	26	711	1223
2009	3	506	26	677	1183
2010	6	453	36	916	1369
2011	5	465	39	877	1342
2012	5	485	38	940	1425
2013	6	514	52	975	1489
2014	7	508	51	942	1450
2015	6	444	55	916	1360
2016	5	428	50	847	1275
2017	7	432	47	946	1378
2018	5	436	45	971	1407

Fonte: IBGE – Cadastro Central de Empresas (2020).
Elaboração: Os autores.

O setor têxtil em Paraguaçu apresenta uma dinâmica que envolve boa parte da população economicamente ativa. Em 2006 eram 1.175 trabalhadores no setor, chegando a ter em 2013 seu maior quantitativo com 1.489, tendo uma queda nos anos seguintes, até oscilar a 1.407 trabalhadores em 2018. Apesar dessa oscilação no número de trabalhadores, o que chama atenção é o número crescente de confecções/facções no período. Eram 19 em 2006, atingiu seu ápice em 2015 com 55, caindo a 45 em 2018. Isso demonstra a tendência de terceirização e das indústrias maiores para as facções.

Assim, no ano de 2018 a cidade de Paraguaçu possui 5 fábricas e 45 confecções/facções do setor de têxtil⁴ (Figura 2), e emprega 1.407 pessoas diretamente quase 28% da população economicamente ativa da cidade.

⁴ O número oscila e é incerto, devido os sucessivos decretos de falência das empresas, e posterior abertura com novo nome. E algumas facções são nas residências dos trabalhadores ou galpões sem identificação, o que dificulta a localização precisa.

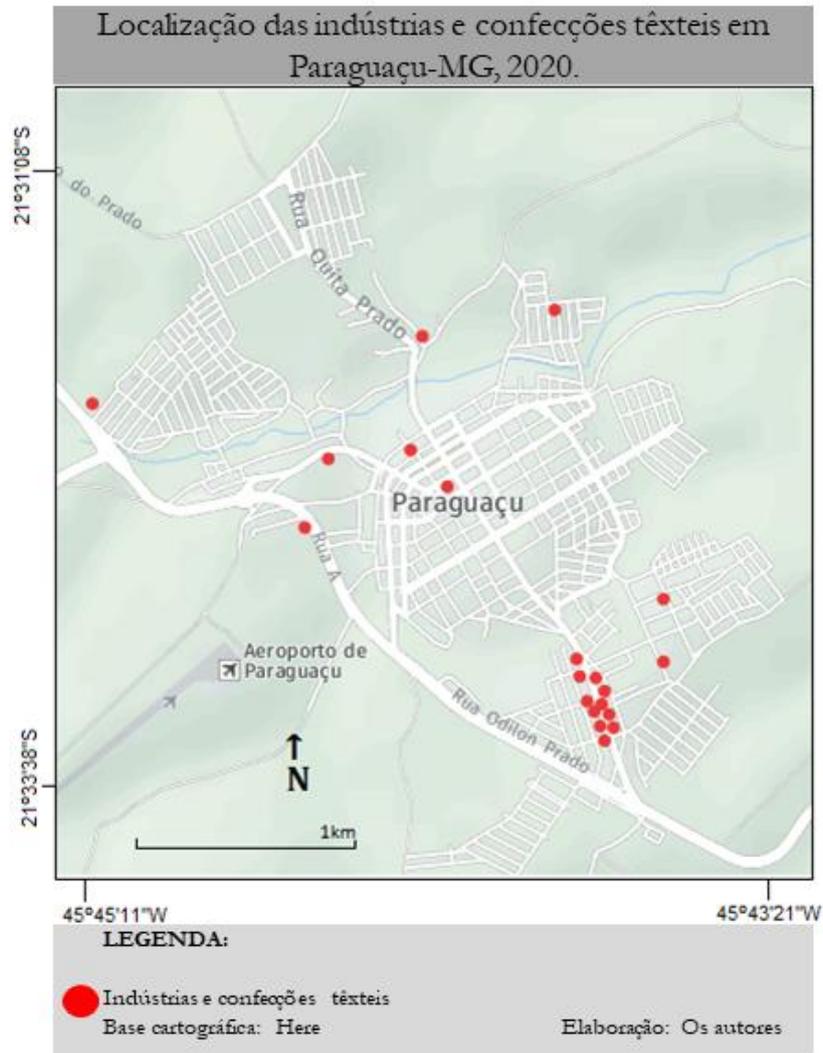


Figura 2 – Espacialização das indústrias têxteis no município de Paraguaçu-MG
Elaboração: Autores.

Nas indústrias têxteis de Paraguaçu-MG treze produzem roupas sociais (ternos). Entretanto, se somarmos os empregos gerados no comércio e outros serviços que estão ligados à venda de ternos, a participação será mais elevada. Por esses motivos, Paraguaçu é considerada a “Capital Nacional do Terno” e desde 2017 realiza anualmente a Feira do Terno de Paraguaçu-MG (Figura 3), para atrair compradores e gerar mais negócios na cidade, esse evento ainda conta com auxílio financeiro do governo municipal⁵.

⁵ Em 2017 a Câmara de Vereadores aprovou o crédito de R\$120.000,00 para realização da 1ª Feira do Terno de Paraguaçu-MG. Fonte: <http://camaradeparaguacu.mg.gov.br/?p=3977>



Figura 3 – Cartaz de divulgação da 2ª Feira do Terno de Paraguaçu-MG, 2018.

Fonte: <https://paraguacu.mg.gov.br/vem-ai-a-2a-feira-do-terno-de-paraguacu/>

Entre os anos de 2009 a 2012 ocorreu um aumento das taxas de empregos na cidade, fator que influencia o aumento do setor de serviços.

No período de 2009 a 2012, a quantidade de vagas no mercado formal de trabalho aumentou em 927 postos, sendo que a maior elevação concentrou-se em 367 novos postos. Trabalhadores da Produção de bens e serviços industriais. [...], cabe destacar a variação de 39,15% na remuneração média dos Trabalhadores da Produção de bens e serviços industriais. (RAIS/MTE 2012).

Paraguaçu-MG pode ser considerada uma cidade pequena, apesar de todo debate sobre o conceito e abordagens para definir uma cidade pequena (CORRÊA, 1999, 2011). A cidade pequena pode ser definida segundo sua centralidade e sua demografia, normalmente com população até 20 e 30 mil habitantes (CORRÊA, 2011), partindo de uma análise comparativa nacional, as relações entre centro e periferia e sua formação sócio-histórica são os fatores de diferenciação das relações existentes nesses centros urbanos.

A partir da segunda metade de 1950 o país passa por grande urbanização, sofrendo uma grande mudança da configuração nacional. O país que vem apresentando na década de 2011-2020 uma desindustrialização, em Paraguaçu-MG há um processo inverso de criação de indústrias e empregos no setor.

No Brasil, muitas cidades pequenas passam por dificuldade quanto à geração de emprego e renda, e ao mesmo tempo tem acolhido indústrias e empresas que estão interessadas na falta de mobilização sindical, baixa remuneração dos trabalhadores e oferta de terrenos para instalações de suas fábricas, bem como incentivos fiscais. Nesse sentido, a desconcentração industrial das grandes cidades neste século XXI, vai se deslocando para diferentes regiões, e as cidades pequenas são destinos muito comuns nessa nova etapa da reestruturação produtiva global na indústria do Brasil, apoiadas pelo Estado com incentivos fiscais, dentro da lógica da Guerra dos Lugares (SANTOS, 2006).

Relações de trabalho na indústria têxtil no Brasil e no mundo

O período que vai do pós-guerra até o ano 1973 é tido como importante para o entendimento das transformações dos modos de produção industrial e as relações de trabalho ocorridas no mundo. A produção fordista/taylorista reconhecida por sua produção em grandes escalas que junto a políticas de cunho keynesiana, em que, o Estado buscava incentivar o consumo buscando o aumento da demanda da produção industrial, por meio de investimentos públicos em infraestrutura com a constante criação de postos de trabalho. O fordismo marcado pelo uso de imensas infraestruturas produtivas e com grande abundância de trabalho humano, possuindo sua produção industrial fixa geograficamente, cria condições para que o trabalhador consiga se mobilizar e se organizar.

[...] a organização do operariado e o subsequente fortalecimento dos sindicatos de trabalhadores, fato em parte resultante do acúmulo de operários nas indústrias e da conseqüente maior facilidade de organização e mobilização dos trabalhadores. (BOTELHO, 2001 p.115)

Após 1973 passam a ocorrerem uma série de mudanças, transformações políticas-econômicas e socioculturais. As políticas públicas de investimento por parte do estado deixam de acontecer, ao invés disso passa a criar uma nova legislação de desmonte do trabalho, crises mundiais relacionadas ao abastecimento de petróleo, ascensão de uma nova organização produtiva e da organização do trabalho. Somado a esse espectro de mudanças o surgimento de tecnologias de comunicação e transporte reconfiguraram toda a produção e localização da produção industrial do planeta.

A mudança tecnológica, a automação, a busca de novas linhas de produto e nichos de mercado, a dispersão geográfica para zonas de controle do trabalho mais fácil, as fusões e medidas para acelerar o tempo de giro do capital passaram ao primeiro plano das estratégias corporativas de sobrevivência em condições de deflação.(...) A profunda recessão de 1973, exacerbada pelo choque do petróleo, evidentemente retirou o mundo capitalista do sufocante torpor da “estagnação” (estagnação da produção de bens e alta inflação de preços) e pôs em movimento um conjunto de processos que solaparam o compromisso fordista. As conseqüências de reajustamento social e político. No espaço social criado por todas essas oscilações e incertezas, uma série de novas experiências nos domínios da organização industrial e da vida social e política começou a tomar forma. (HARVEY, 2010 p.137-140)

O capital precisa se reinventar e com isso as relações de trabalho e produção precisam ser ajustadas e o processo de acumulação flexível nasce de dificuldade de resposta à crise de permanente crescimento capitalista, necessitando de uma reestruturação profunda do capital e da produção. Ocorre à flexibilização de diversos fatores políticos e jurídicos conquistados no fordismo (ANTUNES, 2009). A acumulação flexível transforma as formas consideradas

fixas em condições flexíveis, nesse exemplo, principalmente no que toca a produção, os processos de trabalho, mercado de trabalho, dos padrões de consumo (HARVEY, 2005). O surgimento de novos segmentos de produção, serviços financeiros, novos mercados, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica organizacional também estão presente no processo de acumulação flexível (HARVEY, 2005).

A facilidade oferecida aos grandes conglomerados industriais em decorrência a diminuição do espaço-tempo proporciona um maior controle sobre os trabalhadores além de maiores facilidades de exercer pressões sobre regulamentações e vantagens quanto à exploração de mão de obra. Assim, ocorrem profundas mudanças no mundo do trabalho em diversos segmentos produtivos:

O mercado de trabalho, (...) passou por uma radical reestruturação. Diante da forte volatilidade do mercado, do aumento da competição e do estreitamento das margens de lucro, os patrões tiraram proveito do enfraquecimento do poder sindical e da grande quantidade de mão de obra (desempregados e subempregados) para impor regimes de trabalho mais flexíveis, (...) visto que o propósito dessa flexibilidade é satisfazer as necessidades com frequência muito específicas de cada empresa. (HARVEY, 2010, p.143)

A acumulação flexível trouxe diversas desvantagens para os trabalhadores, como: “níveis relativamente altos de desemprego estrutural, rápida destruição e construção de habilidades, ganhos modestos (...) de salários reais e retrocesso de poder sindical(...)” (HARVEY, 2010, p.141).

As cadeias produtivas dos grandes conglomerados da produção têxtil mundial graças à reestruturação produtiva se encontram em partes do mundo cada vez mais distantes e diversas. Para manter-se no mercado têxtil e fazer parte da competição intercapitalista os conglomerados são obrigados a buscar redução dos custos dentro de sua produção, por meio de incessante busca por novos mercados e nichos de consumidores, tentando conquistar parcelas maiores de mercado, desse modo, são engendradas estratégias de produção, distribuição e principalmente planejamento da produção.

Como as empresas necessitam de um vínculo mais direto com o mercado consumidor, (...) a esfera do consumo acaba por incidir de modo mais direto na esfera da produção. Um produto, antes de ser fabricado, deve ser vendido (...). Essa estratégia está apoiada na produção e consumo da informação. Ela mobiliza importantes estratégias de comunicação e de marketing para recolher a informação (conhecer as tendências do mercado) que a faz circular (...).(ANTUNES, 2009, p.126)

Assim, para se estabelecerem no mercado as indústrias têxteis tem que diminuir custos ao máximo, e essa redução tem que ocorrer em todas as fases de produção de sua cadeia produtiva, desde a matéria prima para a fabricação do tecido até o transporte do

produto que é colocado à venda no varejo. Nesse ínterim com as mudanças nas localizações da produção industrial mundial, as indústrias optaram por localidades em que haja vantagens de custo, ou seja, lugares que ofereçam diversos fatores, materiais e imateriais, que tornem a produção mais lucrativa para empresa, fatores como infraestrutura técnica, isenção de imposto e mão de obra mais dócil e/ou especializada, tornando certos lugares mais atrativos que outros.

Numa situação em que as virtualidades de cada localização estão sempre mudando, instala-se o que bem se pode denominar de guerra dos lugares. Estes não apenas devem utilizar suas presentes vantagens comparativas, como criar novas, para atrair atividades promissoras de emprego e de riqueza. Na batalha para permanecer atrativos, os lugares se utilizam de recursos materiais (como as estruturas e equipamentos), imateriais (como os serviços). E cada lugar busca realçar suas virtudes por meio dos seus símbolos herdados ou recentemente elaborados, de modo a utilizar a imagem do lugar como imã. (SANTOS, 2006 p.181)

A pressão pelo barateamento da produção cria flexibilizações das formas de empregos que se tornam recorrentes e até constantes, são instituídas formas legalizadas e precarizadas de trabalho, que começam a aparecer e participar do cotidiano dentro das empresas, o melhor e mais importante exemplo de trabalho precário é o de terceirização, tão como praticado atualmente.

A terceirização é uma das inovações organizacionais mais importantes do capital nas últimas décadas, significando, em si, a fragmentação de coletivos de trabalho visando a racionalização organizacional tendo em vista as novas condições da concorrência capitalista num cenário de instabilidade da economia de mercado.(...) Nesse sentido, a terceirização é movida, de imediato, pela redução de custos salariais das organizações capitalistas no sentido da adoção de estratégias meramente defensivas tendo em vista recomposição das margens de lucro(...) (ALVES, 2011, p.410-411).

No Brasil, principalmente no que se refere ao trabalho no segmento têxtil, a produção e organização do trabalho sofreram reformulações segundo Neves e Pedrosa (2006, p.17) “As práticas de trabalho sofrem reestruturação assim como o tipo de produção práticas como terceirização, facção, trabalho em domicílio e subcontratação”. As mesmas autoras ainda mostram em sua pesquisa que, no período do ano em que são consideradas e que são praticadas as menores vendas na produção têxtil, é que ocorre o maior número de subcontratações, e a recorrência do uso de mão de obra semiqualficada, constituído de trabalhadores fragilizados por condição socioeconômica, ou em situação de desemprego prolongado, que é o caso de pessoas de idade e marginalizada do mercado de trabalho formal. Sem falar dos casos de imigrantes, mulheres e até crianças, desse modo, sem que essas

contratações apresentem considerável ônus para a produção e para a empresa e que o lucro ocorra de forma exorbitante.

A respeito das condições da saúde do trabalhador no processo de acumulação flexível Abramides e Cabral (2003) ressaltam que:

A precarização das relações de trabalho com demissões constantes, trabalho por tempo determinado, desemprego, terceirização, quarteirização, perda de direitos sociais e trabalhistas são expressões de um conjunto de efeitos das relações de trabalho sobre a saúde do trabalhador, como estafas, fadigas, ansiedades e insegurança permanente, dores lombares e generalizadas, distúrbios emocionais, dentre outros (ABRAMIDES e CABRAL, 2003, p.9)

Esses processos ocorrem em todos setores industriais, precarizando as relações de trabalho. Ainda sobre as indústrias têxteis no Brasil, Longhi e Santos (2016, p.89) afirmam que

Atualmente, empresas ligadas à indústria da moda ainda operam nos moldes pré-industriais no que concerne às condições de trabalho. Nesses locais há trabalho infantil e até escravo, não são tomadas medidas para a segurança dos funcionários e do ambiente de trabalho e a remuneração é abaixo do praticado no setor (LONGHI e SANTOS, 2016, p.89).

Nesse contexto de flexibilização e terceirização da produção, que as indústrias têxteis se adaptaram aos novos processos no século XXI, com uma mescla de características de um sistema arcaico-moderno, com prejuízos sucessivos aos trabalhadores.

Breve histórico do setor têxtil em Paraguaçu - MG

Depois da crise de 1929, que trouxe grandes dificuldades a economia mundial principalmente para os produtores de monocultura exportadora, no caso o café no Brasil, a crise mundial forçou os proprietários e empresários a investir seus capitais em outros setores produtivos, principalmente referentes ao setor industrial.

Nos centros urbanos ocorreu um aumento da infraestrutura de suporte as atividades produtivas industriais, movimento que vinha consolidando-se com o advento e expansão das redes técnicas. As mudanças alcançaram grande parte do território nacional chegando até a regiões do interior brasileiro, como no caso sul mineiro. Mesmo com a crise da produção de café, a produção agrícola cafeeicultora do sul de Minas Gerais manteve-se através dos tempos e tendo o café como grande parte da produção e exportação nacional. As mudanças são documentadas por meio do plano de inventário do município de Paraguaçu:

Com a diversificação da produção agrícola e também com o processo de urbanização da cidade, o comércio e a prestação de serviços apontaram para um

maior dinamismo da atividade econômica no município. A situação da plantação de café nos anos de 1910 e 1920 gerou muitas riquezas para Paraguaçu, a ponto de poder contar com um banco próprio da cidade – o Banco de Paraguassú, que funcionou de 1919 até os anos 1940,(...) (PREFEITURA MUNICIPAL DE PARAGUAÇU-MG, 2005, p.14).

A relação do campo com a cidade é evidente na expansão cafeeira do sul de Minas e na organização das cidades, pois os investimentos para produção e comercialização agrícola que foram responsáveis por trazerem a infraestrutura que o capital necessitava para seu funcionamento. Dias (2009) diz que no caso dos plantadores de café no Brasil as redes (ferroviárias e bancárias) buscavam estabelecer uma integração do território. Em comum as redes de transporte, as ferrovias na época, eram responsáveis pela comunicação e escoamento da produção. Evidenciando a importância dos bancos e infraestrutura de transporte para o funcionamento do capital e relações de produção. Nunca houve redes ferroviárias que chegassem à cidade de Paraguaçu, mas, os bancos sempre estiveram presentes e atuantes.

A relação de Paraguaçu-MG com a produção industrial têxtil inicia-se a partir do ano de 1941, em que ocorre a chegada e instalação da empresa Paraguaçu Têxtil S/A. A empresa que pertencia a dois grupos, a primeira era o grupo da Companhia Industrial Cataguases e o segundo era a Companhia Nacional de Estamparia – Cianê de Sorocaba, ambos do estado São Paulo. Os proprietários dos grupos possuíam diversas empresas pelo país e se destacavam na produção têxtil em nível nacional. (IBGE, 2020)

(...)a instalação de indústrias de grande porte, como a Paraguaçu Têxtil Ltda. (ex-Companhia Nacional de Estamparia), além de outras indústrias do setor do vestuário transformaram a realidade econômica do município que têm na atividade industrial (têxteis e vestuário). (IBGE 2020)

Com a chegada da indústria ocorre à atração e posterior instalação de outras empresas do mesmo segmento e a fundação de indústrias de outros segmentos. Passam a ser feitos investimentos em infraestrutura urbana para a expansão da indústria em geral, mas visando melhoramentos para o segmento têxtil. “(...) as pequenas indústrias que visavam atender às demandas advindas com a implantação da fábrica, outras culturas agrícolas vieram no rastro da indústria têxtil, como o plantio de algodão” (PREFEITURA MUNICIPAL DE PARAGUAÇU-MG, 2005, p.22).

Assim, a indústria altera a dinâmica da economia em Paraguaçu-MG, que passa de uma produção dominada pela agricultura para uma produção mais diversificada, que abarcavam produção agrícola no rural e na cidade produção industrial e posteriormente o setor de serviços.

Para que tivesse início às operações da empresa Paraguaçu Têxtil na cidade, ocorrem investimentos iniciais de capitais por três pessoas dentre elas estão: Oswaldo Costa ex-morador, mas, que não residia na cidade no momento de instalação da empresa, porém, possuía familiares moradores de Paraguaçu-MG. O pai e avó de Oswaldo Costa gozavam de grande influência política e ocupavam cargos políticos na cidade, além de possuírem inúmeros outros negócios como descrito no Plano de Inventário de Paraguaçu-MG (2005). O pai e avô de Oswaldo Costa foram ambos, proprietários de bancos e empresas de fornecimento de energia elétrica na cidade de Paraguaçu. Posteriormente, aparece a figura de Severino Pereira dos Santos que tinha várias atividades no segmento têxtil, proprietário do grupo Cataguases com inúmeras empresas em Sorocaba e Juiz de Fora e que seria uns dos donos da Paraguaçu Têxtil. Outro dos proprietários era Gervásio Seabra de família abastada e considerada “tradicional” na cidade do Rio de Janeiro. (PREFEITURA MUNICIPAL DE PARAGUAÇU-MG, 2005)

Anos depois a instalação da Paraguaçu têxtil e a melhoria da infraestrutura da cidade relacionada a atendimento as demandas da produção e escoamento, instalam-se outras empresas originárias de grandes centros urbanos, principalmente empresas que vinham do estado de São Paulo. Com a chegada de empresas de outras localidades começam a surgir uma tímida produção de pequenos proprietários moradores de Paraguaçu. Que, devido a não terem grande montante de capitais para investimentos, começam suas produções próprias consideradas mais artesanais e com base no trabalho familiar.

Já na década de 1980 a empresa Paraguaçu Têxtil S/A sofre alterações em seu segmento de produção e passa a produzir apenas sacarias. A fabricação de sacarias pela Paraguaçu Têxtil durou pouco, aproximadamente um ano. Fato que pode ser explicado devido à produção de fibras sintéticas, que, eram consideradas melhores e mais fáceis de trabalhar, junto a outros fatores como a crise mundial, dívida externa brasileira. “A introdução das fibras sintéticas levou a que em termos relativos houvesse uma redução crescente do consumo dos fios de algodão e, particularmente, das fibras de melhor qualidade, como é o caso do algodão” (CLEMENTINO, 2012, p.9)

No ano seguinte a empresa passa a produzir *jeans* classificado como Índigo Blue (PARAGUAÇU TÊXTEL, 2015), o qual é produzido até os dias de hoje pela empresa. A partir da década de 1990, com uma maior abertura do mercado nacional que tinha o apelo da inserção da indústria têxtil brasileira no mercado internacional, mas que, na verdade a abertura serviu mais para inundar o país de produtos de várias outras partes do mundo do

que propriamente exportar a produção nacional. É a década em que ocorre o maior número de fusões e aquisições entre empresas, para que essa integração ao mercado ocorresse, a força de trabalho teria que sofrer mudanças na sua dinâmica e comportamento.

A partir de 1990, com a ascensão de Fernando Collor e depois com Fernando Henrique Cardoso, esse processo intensificou-se sobremaneira, com a implementação de inúmeros elementos que reproduzem, nos seus traços essenciais, o receituário neoliberal.(...) um enorme enxugamento e aumento das formas de superexploração da força de trabalho, verificando-se também mutações no processo tecnológico e informacional (ANTUNES, 2009 ,p.232).

Em 2010 a Paraguaçu Têxtil tinha 257 trabalhadores, divididos em três turnos que operam 24 horas por dia toda a semana. E é nesse cenário que ocorrem as mudanças referentes à indústria têxtil de Paraguaçu-MG. Fenômenos em escala global passam a influir na escala local, o primeiro sinal dessa mudança nos moldes da reestruturação produtiva do capital e da flexibilização da produção. O surgimento das primeiras indústrias de confecções de roupas masculinas, provavelmente ligadas a grande onda de aquisições, fusões e terceirização da produção, passando a tarefa da produção industrial, do trabalhar diretamente na produção, para as pequenas e médias empresas do segmento têxtil.

Assim, surge em Paraguaçu-MG às primeiras empresas do ramo de confecção, em sua grande maioria empresas que fabricam ternos e roupas sociais. Os proprietários dessas indústrias podem ser divididos em duas vertentes. Uma delas é: *proprietários industriais* que possuem negócios em outras regiões do Brasil e em outros segmentos produtivos, que, migram para Paraguaçu interessado nas vantagens de um aglomerado produtivo. Já os segundos, são constituídos por de *ex-funcionários*, que trabalharam antes em outras indústrias têxteis maiores na cidade, e que, com a economia de seus ganhos para juntar capital inicial junto ao aprendizado da rotina e atribuições referente à produção têxtil, fundam suas próprias empresas normalmente de pequeno porte.

As confecções têm sua produção dominada pela fabricação de roupas sociais, mais especificamente por produção de ternos completos. A infraestrutura produtiva da indústria têxtil de Paraguaçu-MG está localizada na cidade de três modos: O primeiro é no formato de aglomeração na localização dessas empresas, na Avenida Doutor Domingos Condé, encontram-se diversas empresas em formas de galpões disposta lado a lado (Figura 4).



Figura 4 – Galpões das fábricas de ternos concentrados na Av. Doutor Domingos Condé, Paraguaçu-MG.
Fonte: Trabalho de campo.

O segundo modo no qual as empresas encontram-se dispostas, é a distribuição dessas empresas em meio às áreas residenciais da cidade. Nesse tipo de padrão de localização, pode-se observar diversas empresas de confecção que se multiplica pelos bairros, sem nenhuma preocupação de uma setorização urbana da produção. Essas e as empresas anteriormente citadas predominantemente possuem forma de galpão sem identificação (Figura 5). Ainda dentro dessa classificação existem empresas que estão bem próximos ao acesso as BRs 453 e 491 a maior delas é a Paraguaçu Têxtil onde suas instalações ocupa extensa área física. E por último o terceiro modo, que é composto por empresas que se situam no distrito industrial da cidade.



Figura 5 – Galpões de fábricas têxteis dispersos no espaço urbano de Paraguaçu.
Fonte: Trabalho de campo.

Ocorre ainda no ano de 1997 a venda da Paraguaçu Têxtil. A partir da venda da empresa o novo proprietário que também é proprietário do grupo *Soalgo*, que se trata de uma associação de produtores de algodão em Apucarana, cidade situada ao norte do estado do Paraná. Situação que evidencia que, a troca dos donos, mostra um fenômeno apontado por Durand (1985), que entende que o comportamento da indústria têxtil brasileira sofre mudança a partir da década 1970. Essa mudança consiste em as empresas sempre tinham a estratégia de aproximar sua cadeia produtiva próxima às confecções e do varejo, ou seja, assumir na cadeia produtiva a porção da produção que estivesse mais próxima dos produtos acabados, chegando o mais próximo possível do consumidor final. É o que expõe sobre seu estudo em Americana-SP:

Quando chegou o momento de analisar as transformações sofridas pelas pequenas e médias indústrias têxteis de São Paulo no correr dos anos 70, percebeu-se que era grande a frequência com que empresários que se dedicavam à tecelagem estavam desativando seus teares próprios e deslocando atenção e investimento para tinturaria e beneficiamento de tecidos ou para confecção, até chegar ao fim da linha, que é a venda a varejo de roupa pronta. Enfim, eles promoviam uma verticalização para a frente, ficando cada vez mais próximos do polo consumidor. (DURAND, 1985, p.5)

O caso da Soalgo é interessante, pois, além de adquirir partes mais avançadas de sua cadeia produtiva (DURAND, 1985) com a aquisição da Paraguaçu Têxtil. Assim nas suas empresas do Paraná e Mato Grosso o grupo passa a investir na criação de um complexo agroindustrial (CAI⁶). Aproveitando da sua plantação de algodão ela usa restos da produção algodoeira para produzir ração para gado, assim como, ao mesmo tempo passa a investir na pecuária, agora o grupo Paraguaçu Têxtil tem atividades multi-setorial, ou seja, atua em mais de um setor, no industrial e no agrícola, buscando o aproveitamento máximo de toda sua cadeia produtiva e todas as possibilidades de produções e negócios. Segundo Vietro (2006) mostrando sobre o caso da unidade localizada no estado do Paraná:

O grupo realiza todo o ciclo do algodão em unidades nos Estados de Minas Gerais, Paraná e Mato-Grosso, atuando do plantio até o tecido acabado, realizando o processamento do caroço, de onde se extrai o línter, óleo vegetal e farelo para ração animal. Em Apucarana é realizada a fiação. Os fios de algodão, produzidos na unidade existente desde 2003 e que emprega 104 funcionários, destinam-se exclusivamente à produção do índigo Paraguaçu Têxtil. (VIETRO, 2006 p.88)

A empresa Paraguaçu Têxtil, agora absorvendo e desaparecendo com o nome da Soalgo, e a soma das duas empresas, tem sob seu domínio de produção os seguintes segmentos: matéria prima, fiação, tecelagem e tingimento/beneficiamento. A matéria prima da agora empresa Paraguaçu Têxtil vem do estado do Paraná de outras filiais da antiga Soalgo. O grupo possui plantações de algodão no estado do Paraná nas cidades de Iporã, Ubitatã, Umuarama e Terra Roxa (tecelagem) no estado do Mato Grosso e por último no estado de Minas Gerais em Paraguaçu-MG (PARAGUAÇU TÊXTIL, 2015).

Trabalho no interior das empresas em Paraguaçu-MG

Em Paraguaçu-MG a maioria das empresas está vinculada a produção por facção, prática que é bastante comum em lugares onde a produção têxtil é predominante. A produção

⁶ Complexo Agroindustrial é denominado uma empresa agropecuária em médias ou grandes propriedades rurais, que interliga a produção agropecuária com a industrial. Geralmente, produz monoculturas de commodities, tem baixa mão-de-obra empregada e destina grande parte da produção ao mercado externo.

por facção é regulamentada por lei, mas, por ser uma modalidade de produção considerada “recente” possui ainda problemas em sua legislação, a definição do termo facção segundo a Fundação Estadual de Meio Ambiente (FEAM):

[É] A última etapa do processo de produção do setor têxtil consiste na facção (...) de peças de vestuário, sendo sua atividade fundamentada especificamente na prestação de serviços de corte, costura e acabamentos diversos, (...) a diferenciação entre uma facção e uma confecção se dá pelo fato das facções serem confecções que não possuem marca própria, tampouco estilistas, desenhistas, lojas, etc. O processo produtivo simplificado para uma facção/confecção pode (...) variar em função das especificidades e porte de cada empresa. (FEAM, 2015, p 27).

O processo de facção consiste em: trabalhar em dependência de uma indústria, normalmente uma grande indústria, mas, ao mesmo tempo, como autônomo, com contrato estabelecido para a produção que comumente consiste em: a empresa passar os tecidos cortados e com moldes pré-estabelecidos com formato definido, para que em seguida o tecido seja costurado e entregue a empresa contratante da produção.

Em geral existem dificuldades relacionadas à oferta e criação de postos de trabalho em pequenas cidades, no caso dos municípios da região Sul Mineira, em que, a maioria dos empregos gerados tem origem no setor agrícola. Nessas pequenas cidades o trabalhador não possui muitas opções e variedade de postos de trabalho. Assim, as empresas ali instaladas tem terreno fértil para impor condições de trabalho e formas abusivas de trabalho.

No que tange a organização e práticas de trabalho no interior das empresas de Paraguaçu-MG, o trabalho é executado de forma muito intensa similar ao qual é descrito por Antunes:

O trabalho que as empresas buscam cada vez mais não é mais aquele fundamentado na especialização taylorista e fordista, mas o que floresceu na fase da “(des)especialização multifuncional”, do “trabalho multifuncional”, que em verdade expressa a enorme intensificação dos ritmos, tempos e processos de trabalho. (ANTUNES, 2009, p.249)

O modo como ocorre a produção dentro dessas empresas, talvez se assemelhe ao modo de produção taylorista, que consiste na produção dominada pela manufatura, com movimentos e tempos de produção previamente planejados pela administração (organização científica). Posteriormente os operários devem executar os movimentos de modo exato, e sem movimentos mortos, ou seja, desperdício de tempo e movimentos. Buscando eliminar qualquer gasto de força e tempo feitos de forma indesejável ou involuntária pelo trabalhador na produção, bem próximo dos princípios tayloristas.

É claro que guardando as especificidades relacionadas às empresas pequenas e médias, principalmente no que tange o gerenciamento científico da produção, ou seja, a organização do trabalho, que, no caso da produção por facção, o planejamento é considerado básico, porém, os ritmos em que o trabalho na produção é desenvolvido, não deve nada a nenhuma grande produção com organizações mais elaboradas.

Os equipamentos usados nas facções são: máquinas de costura, passadeiras e um estande com pequenas ferramentas manuais, que são usadas para que os trabalhadores façam acabamentos finais e correções de possíveis problemas na produção.

Mesmo que o modo de produção seja considerado próximo do modo taylorista, a produção das empresas de facção de Paraguaçu-MG possui especificidades próprias que fazem referência a outros modos de produção, sobreposição e imbricações de outras formas de organização do trabalho e produção como o fordismo e a produção flexível (toyotismo).

A flexibilização, a desregulamentação e as novas formas de gestão produtiva estão presentes em grande intensidade, indicando que o fordismo, ainda dominante, também vem se mesclando com novos processos produtivos, com as formas de acumulação flexível e vários elementos oriundos do chamado toyotismo, do modelo japonês, que configuram as tendências do capitalismo contemporâneo. (ANTUNES, 2009, p.232)

O perfil da amostra dos trabalhadores na amostra da indústria de ternos em Paraguaçu é composto por 55% de mulheres e 45% de homens, característica das indústrias têxteis, apesar dos proprietários afirmarem a preferência por empregarem homens. Quanto ao perfil etário dos trabalhadores, a figura 6 evidencia a maioria de trabalhadores acima dos 40 anos de idade.



Figura 6 – Faixa etária da amostra dos trabalhadores da indústria têxtil em Paraguaçu-MG.
Fonte: Pesquisa de campo.

Chama a atenção o número elevado de trabalhadores acima dos 40 anos de idade, sendo 63% da amostra, e dentre eles 28% são de pessoas acima dos 60 anos de idade. As explicações se devem pela falta de emprego para pessoas nessa faixa etária no município, devido a dependência econômica das indústrias têxteis, o que atrai esses trabalhadores mesmo com a baixa remuneração. Além disso, a terceirização ocorre com mulheres que costumam em casa ou são domésticas, e veem como única oportunidade de renda nessa idade, o trabalho nas facções. O trabalho pesado e jornada de trabalho em média de 44 horas semanais, não atrai tanto a população mais jovem.

Quanto as diferenciações de cargos na produção, existem apenas: encarregado da produção e funcionários gerais, que podem executar uma ou várias funções como descrito anteriormente, o planejamento da produção dentro das facções, fica muitas vezes a cargo do próprio dono da empresa. Desse modo, a remuneração tende a ser baixa e padronizada (Figura 7)



Figura 7 – Remuneração da amostra dos trabalhadores da indústria têxtil em Paraguaçu-MG.
Fonte: Pesquisa de campo.

A baixa remuneração é uma característica da precarização do trabalhador, a perspectiva de crescimento no interior das indústrias de ternos é muito reduzida. As funções e atividades desempenhadas lembram o sistema taylorista e fordista de produção, sendo calcado na repetição e com práticas mecanicistas. Os trabalhadores mais experientes nas atividades são geralmente os que

recebem um salário melhor, mas mesmo assim não ultrapassa os dois salários mínimos. Conforme entrevistas com um trabalhador, ele está há vinte anos na mesma atividade e a sua remuneração é de um salário mínimo., ou seja, não há perspectiva de progresso e crescimento na indústria.

Os funcionários, responsáveis diretos pela produção, recebiam em média 1 salário mínimo, e foram à maioria dos entrevistados. Em cargos mais altos, como o de encarregado, o valor em média ficava entre 1 salário mínimo e meio, dependendo da empresa em que o funcionário trabalha.

Mesmo com essa baixa remuneração e jornada intensa de trabalho 79% consideram a remuneração boa, 14% consideram excelente e apenas 7% consideram ruim o salário que recebem. Isso demonstra um grau de exploração por parte dos empresários e alienação imposta pelo setor público e privado aos trabalhadores, sob o discurso da dependência econômica no município. Questionados sobre a continuidade no exercício do trabalho junto as fábricas e facções, 86% dos trabalhadores pretendem continuar no ramo e 14% pretendem mudar de profissão.

Com relação a presença de familiares no setor têxtil de produção de ternos (Figura 8) há uma relação forte de membros da família na atividade.



Figura 8 – Familiares da amostra que trabalham na indústria têxtil de Paraguaçu-MG.
Fonte: Pesquisa de campo.

Observa-se na figura 8, a forte dependência dos núcleos familiares com o setor de produção de ternos, mais de 86% dos entrevistados afirmam ter outros familiares envolvidos na indústria. Esse grau de dependência econômica numa cidade pequena, reforça as relações de necessidade e

precariedade do setor. Como não há muitas alternativas no conjunto econômico municipal, os trabalhadores vislumbram no setor têxtil, que remunera muito baixo, a saída para seu sustento.

Outras questões quanto ao perfil do trabalhador da indústria de Paraguaçu-MG é que existem relações de trabalho em domicílio, ou seja, partes da produção como bordados, costuras e estampas são feitas sob demanda, em caráter temporário para entrega em data marcada. Nesse processo, a residência torna-se fábrica, sem horário de entrada e saída, pois é em tempo integral, os custos e riscos são assumidos em grande parte pelos trabalhadores.

Essas relações são comumente encontradas em indústrias têxteis em outros lugares, outro ponto é que não foram relatados acidentes pelos trabalhadores nas empresas. Muitos relataram que seus recebimentos referentes ao trabalho pós-turno, de horas extras, só ocorriam por meio de banco de horas, que era comum nas épocas de aumento na produção o turno de trabalho se estender por mais horas, em média de 3 a 4 horas.

Foi relatado que em caso de falta ou baixa de algum funcionário, os funcionários presentes têm de assumir outras funções, atendendo as necessidades da produção. Situação que faz com que essa rotatividade de funções aproxime o trabalhador a práticas semelhantes usadas no toyotismo, em que, o funcionário não executa apenas uma única função dentro da linha de produção, mas, várias funções.

As condições de trabalho no interior dessas empresas não se mostraram adequadas. Observou-se na ocasião da visita que os trabalhadores não possuíam uniformes ou qualquer equipamento de segurança como óculos ou protetor auriculares, botas ou luvas, além das altas temperaturas no interior do galpão no qual funcionava a empresa. (Figura 9).



Figura 9 - Interior das empresas de terno em Paraguaçu-MG.
Fonte: Trabalho de campo.

As condições de trabalho não são as mais satisfatórias, tanto em infraestrutura quanto em remuneração. Na figura 9, observa-se a falta de lugares adequados para guardar os tecidos e os

ternos finalizados, pouca ventilação no local, falta de uniformes para proteção do corpo, EPI's, bem como ausência de saídas de emergência em caso de incêndio.

A situação do sindicato de Paraguaçu-MG

A formação e consolidação do sindicato estão relacionadas à organização do setor industrial, mas os sindicatos sempre se organizaram ou ajudaram no combate as irregularidades e abusos referentes às más condições de trabalho ou ainda defendendo os interesses dos trabalhadores de diversos setores.

A acumulação flexível trouxe em seu cerne a deterioração da organização da classe trabalhadora, pois, a desconcentração geográfica dos trabalhadores, junto às medidas legislativas por parte do Estado, com o intuito de criar condições para implantação do modelo neoliberal (ANTUNES, 2009, p.68) aliado ainda, as facilidades de deslocamento das empresas devido às tecnologias de comunicação e transporte. Fizeram com que, os proprietários das empresas tivessem maior poder sobre as regulamentações trabalhistas. Com as flexibilizações das leis ocorre o “ressurgimento de formas pretéritas de organização do trabalho (formas familiares, paternalistas, domésticas, informais, "subterrâneas")”(BOTELHO, 2001, p.118). Harvey (2010) mostra as transformações que essas mudanças causaram, segundo ele:

As formas de organização da classe trabalhadora (como os sindicatos)(...),dependiam bastante do acúmulo de trabalhadores na fábrica para serem viáveis, sendo particularmente difícil ter acesso aos sistemas de trabalho familiares e domésticos. Os sistemas paternalistas são territórios perigosos para a organização dos trabalhadores, porque é mais provável que corrompam o poder sindical(se ele estiver presente) do que tenham seus empregados liberados por este domínio e da política paternalista de bem-estar de “padrinho. (HARVEY, 2010, p.145)

Ligando a citação anterior ao caso do sindicato da cidade de Paraguaçu-MG, notamos que a situação local é muito semelhante à descrita por Harvey (2010). A produção têxtil que impõe terceirizações e relações de trabalho precárias traz consigo as relações paternalistas. Levando-se em conta as dinâmicas de uma cidade pequena em que muitos residentes se conhecem e até possuem laços familiares, as relações paternalistas se fazem presente em grande parte das relações de trabalho.

Chegando ao sindicato da cidade (Figura 10) o que constatamos foi uma situação de descaso e degradação que se encontrava o sindicato. A estrutura física do local estava bastante precária, o imóvel onde funciona o sindicato em condições impróprias de conservação, com o mato tomando todos arredores da instalação. Não possuía funcionários, o único que atendia aos

trabalhadores e público em geral era o próprio presidente, que era quem desempenhava todas outras funções dentro do sindicato - salvo as legislativas, o que foi relatado pelo próprio na entrevista.



Figura 10 – Prédio do Sindicato trabalhista de Paraguaçu-MG.
Fonte: Trabalho de campo

O período de funcionamento do sindicato ocorria em horários irregulares, por não haver funcionários, seu atendimento ficava restrito aos horários livres do presidente, que inclusive era empregado em uma das empresas têxtil da cidade. Assim, para atender os trabalhadores que ali se dirigiam para prestar suas queixas quanto a abusos praticados, não era sempre que podiam receber atendimento.

Em relação às afinidades estabelecidas entre os trabalhadores, o sindicato e os proprietários das empresas, conforme relatos em entrevistas; havia pessoas que afirmam que existe incentivo ao boicote ao sindicato de Paraguaçu-MG. Alguns depoimentos relataram que existe campanha aberta por parte dos proprietários da empresa, propagando o não “pagamento” ao sindicato, ainda segundo eles: “os proprietários das empresas dão a opção de não “descontar” a parte do dinheiro que seria destinada ao sindicato”, o boicote, segundo depoimento do presidente, é praticado por parte dos proprietários das maiores empresas da cidade. É relatado pelos trabalhadores que existe uma contribuição descontada do holerite do trabalhador, essa, que é feita uma vez por ano, mas que, vai direto para o sindicato nacional, e por fim, nenhum trabalhador entrevistado relatou contribuir ou participar do sindicato local. E dos trabalhadores entrevistados, 62% dizem conhecer o sindicato e 38% não conhecem, demonstrando a baixa atuação e adesão no município.

Em outro caso, alguns trabalhadores mostram-se muito contrários a posição do presidente e ao sindicato, e ainda, alguns trabalhadores mesmo afirmando ter conhecimento do sindicato, fazem duras críticas a ele. Os trabalhadores entrevistados consideram o desempenho do sindicato

fraco, outros culpam o sindicato pelo fechamento de confecções, assim como na diminuição do poder de empregar dos proprietários da indústria. Segundo a resposta em uma das entrevistas, foi relatado por um dos trabalhadores que “o sindicato atrapalha, porque, antes existiam mais empresas na cidade e uma confecção até fechou por causa do sindicato, e tinha mais trabalhadores de outras cidades, gente de Alfenas e Elói Mendes.” (Trabalhador 1).

Entretanto, observa-se o poder das indústrias na cidade pequena, e como elas criam narrativas junto aos trabalhadores para que concordem com as práticas e defendam elas. Tornando o sindicato uma entidade “nociva” a dinâmica da economia e do trabalhador.

“Brechas” na lei trabalhista brasileira e as práticas usadas pelos proprietários da indústria têxtil de Paraguaçu-MG

Outra questão importante no cenário da precarização do trabalho é a existência de práticas perpetradas por parte de alguns proprietários das fábricas, em que, os proprietários das empresas aproveitam-se de “brechas” referentes à legislação trabalhista nacional. Segundo os entrevistados a finalidade dessas ações é de não cumprir com compromissos referentes a pagamentos aos funcionários.

As práticas mais comuns relatadas por trabalhadores da cidade é o de troca do nome da empresa juntamente com o não recolhimento de FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço), ambas as práticas contrariam a legislação trabalhista brasileira. Por meio de depoimentos, pode-se entender como eram executadas as ações com os trabalhadores das empresas. Dentro da indústria têxtil de Paraguaçu-MG devolveram-se algumas práticas que estão passando a ser vistas como corriqueiras, que, visam burlar as leis trabalhistas, e como consequências acabam por depreciar os direitos trabalhistas dos trabalhadores na cidade. Na data da realização das entrevistas, havia uma empresa na cidade que estava em débito com os trabalhadores referente a salários atrasados. Os débitos que já haviam acumulado três meses de salários atrasados. Situação que, pode ser devido à empresa devedora, que poderia estar enfrentando um processo de falência.

A função da lei de falência “Regula a recuperação judicial, a extrajudicial e a falência do empresário e da sociedade empresária.” (LEI No 11.101, DE 2005). Desse modo, possivelmente, foi estipulada à entrada do processo de recuperação judicial, em que, a empresa tem uma segunda chance para reestabelecer suas atividades, cumprindo com suas obrigações dentro dos prazos estabelecidos por agentes da lei. Segundo a Lei de Falências e Recuperação de Empresa n. 11.101, de 9 de fevereiro de 2005 CAPÍTULO III, Seção I, art. 47

A recuperação judicial tem por objetivo viabilizar a superação de crise econômico-financeira do devedor, à fim de permitir a manutenção da fonte produtora, do emprego

dos trabalhadores e dos interesses dos credores, promovendo, assim, a preservação da empresa, sua função social e o estímulo à atividade econômica. (LEI No 11.101, DE 9 DE FEVEREIRO DE 2005.)

Outro fato é a prática considerada recorrente na cidade de Paraguaçu-MG, com o fim do ano as vendas aumentam, as empresas recebem grandes encomendas, e, conseqüentemente ocorre um aumento considerável nas produções. Situação que faz com que o proprietário da empresa, já temendo que seja feito o pedido de falência por parte de algum fornecedor que se encontre em débito por determinado tempo, situação que faz com que esse proprietário acabe por adiantar-se, fechando ele mesmo sua empresa, declarando sua própria falência. O ato de “fechar” a empresa não acontece de forma tradicional, com o pagamento das pendências com os fornecedores e funcionários, e posteriormente fim das atividades, o que ocorre na realidade é que, o proprietário aplica um golpe, por meio da autodeclaração de falência.

A ação é considerada premeditada e tem a intenção de que, com o proprietário fechando a empresa esse possa ficar com o montante dos “saldos” acumulados, referente às vendas de fim do ano. Assim, a situação para credores e funcionários principalmente os últimos, torna-se complicada, pois, com o pedido de falência somado as grandes dívidas do proprietário a serem pagas, muitas vezes, resultam na não quitação dos débitos adquiridos, já que, as dívidas somente serão quitadas, caso a justiça consiga penhorar os bens do proprietário. O problema é que, o valor da dívida muitas vezes ultrapassa o investimento que o proprietário possui em capital fixo, ou seja, em infraestrutura produtiva, maquinários e instalações. Assim, como o proprietário diversas vezes não possui bens em seu nome, não quita seus débitos com os trabalhadores e fornecedores em geral.

A explicação no caso de Paraguaçu é que, a única mudança no ambiente de trabalho, ocorre é no nome da empresa. Desse modo, tudo continua do mesmo jeito com a mesma aparência, mas, as rotinas referentes ao estabelecimento de trabalho não apresentam alterações. Nesse ínterim, os trabalhadores continuam desempenhando suas funções normalmente, sem dar a devida importância à troca de nome da empresa, assim, sem saber, estes funcionários foram demitidos e readmitidos. Assim, continuam trabalhando com as mesmas pessoas no mesmo lugar, com os mesmos equipamentos que usavam antes, enfim, exercendo as mesmas funções, mas, com a diferença de que estão sob a perspectiva jurídica trabalhando em outra empresa, e muitas vezes nem chegam a tomar conhecimento sobre isso.

Os funcionários que percebem sobre o risco de perder seus direitos relativos ao tempo de trabalho, muitas vezes, não acreditam nos avisos, pois, por diversas vezes, por se tratar de uma cidade pequena, eles desenvolvem ou já possuem uma relação com o proprietário da empresa de longa data. Assim, acreditam que, por meio da relação já previamente estabelecida, o patrão será incapaz de lesar o trabalhador. Acreditando que a relação de amizade, parentesco ou simplesmente

de pura confiança garantirá que os compromissos serão honrados pelo proprietário e agora devedor, débitos como o de tempo de trabalho ou até salários atrasados, poderão, na concepção do trabalhador, serem pagos em uma data futura. Mas em diversos casos, não existem dúvidas quanto ao cumprimento do compromisso de pagamento da dívida. Muitos trabalhadores acabam perdendo seus direitos por demorar a recorrer judicialmente, fazendo com que medidas que ainda possam ser tomadas, sejam ineficientes, após a decorrência de vários anos sem que a causa seja levada a justiça.

Conclusão

As indústrias têxteis de ternos em Paraguaçu com sua produção por facção revela-se como um meio encontrado para a pauperização das relações de trabalho, em quase a totalidade dos lugares onde a produção por facção ocorre é acompanhada pelas péssimas condições de trabalho existentes. A modalidade de produção por facção é mais um modo o qual o capitalismo perpetrou para tornar precárias as relações de trabalho, mascaradas pelo processo da terceirização, métodos como esses que, largamente exercidos no interior da indústria têxtil, como: subcontratação, informalidade, cooperativas de trabalho, subempregos, tem por serventia dissimular as péssimas situações de trabalho, que tem as consequentes pauperização das relações de trabalho preservadas e promulgadas, para que alcance o objetivo, que é a redução de encargos com salários e encargos sociais, além da obtenção de lucros pela exploração do trabalho.

No caso de Paraguaçu-MG a produção por facção encontra condições muito favoráveis de exploração do trabalho e abuso contra o direito dos trabalhadores por vários fatores, por ser uma cidade pequena, a baixa oferta de empregos, a submissão do trabalhador pela baixa escassez de oportunidades, relações patronais de trabalho, sindicato desorganizado, apoio estatal junto as empresas do setor entre outros.

Paraguaçu é muito dependente de sua indústria têxtil, seja pela criação de postos de trabalho, como por ser o principal contribuinte na arrecadação municipal, levando a crer que, os órgãos responsáveis pela fiscalização das relações de trabalho também sofrem influência por esses fatores, e acabam criando relações de impunidade e conivência.

A configuração atual da indústria têxtil de Paraguaçu- MG apesar de todos os problemas relatados no presente artigo, mas à realidade mostra é que, a cidade ainda precisa da produção têxtil, na dificuldade da criação de postos de trabalhos em cidades pequenas, e esse drama se propaga por diversas outras pequenas cidades espalhadas por esse grande território brasileiro.

Referências

ABRAMIDES, M.B.C; CABRAL, M.S.R. Regime de acumulação flexível e saúde do trabalhador. **São Paulo em Perspectiva**. v.17, n.1, 2003. p.3-10.

ALVES, F.D. O rural-urbano nas cidades pequenas no sul de Minas Gerais. XVIII Encontro Nacional de Geógrafos. **Anais...** São Luís: AGB, 2016. p.1-10.

ALVES, F. D. Cidades pequenas no sul de Minas Gerais: ruralidades presentes no território. *In*: FERREIRA, M.F.M.; VALE, A.R (Orgs.) **Dinâmicas geográficas no sul de Minas**. Curitiba: Appris, 2018, p. 107-127.

ALVES, F.D; MANOEL, L. Relação campo-cidade e dinâmica populacional na microrregião de Varginha – Minas Gerais. **Geonordeste**. São Cristóvão. Ano XXIX, n.2, 2018. p.43-60.

ALVES, G. Terceirização e acumulação flexível do capital: notas teórico-críticas sobre as mutações orgânicas da produção capitalista. **Estudos Sociológicos**. Araraquara, volume 16, n.31, p.409-420, 2011

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, R; DRUCK, G. A terceirização sem limites: a precarização do trabalho como regra. **Revista O Social em Questão**, n. 34, Ano XVIII, 2015.

BOTELHO, A. Do fordismo à produção flexível: a produção do espaço em um contexto de mudança das estratégias de acumulação de capital. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)**, n.10, p.113-126, 2001.

BRASIL - LEI No 11.101, DE 9 DE FEVEREIRO DE 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111101.htm Acesso em: 20/11/2016.

CLEMENTINO, M. do L. M. A Evolução da Indústria Têxtil no Contexto da Afirmação do Imperialismo Americano. XII Colóquio Internacional de Geocrítica. **Anais ...Bogotá**. Maio, 2012.

CORRÊA, R. L. Interações Espaciais. *In*. CASTRO, I. E.. GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Explorações Geográficas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 279-318.

CORRÊA, R. L. Globalização e Reestruturação da Rede Urbana – Uma Nota sobre as Pequenas Cidades. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano IV, n° 6, jan./jun., 1999.

CORRÊA, R.L. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP**–Espaço e Tempo, São Paulo, n. 30, 2011, p. 5-12.

DIAS, L. C. Redes: emergência e organização. *In*: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Geografia: conceitos e temas**. 12.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p.143-162.

Cadeia produtiva têxtil e de confecções. **Cenários econômicos e estudos setoriais Sebrae** 2008

Disponível em: <http://189.39.124.147:8030/downloads/Textil.pdf>. Acesso em: 20/11/2016

DURAND, J.C. Façonismo: Produção Familiar. **Revista de Administração de Empresas do Rio de Janeiro**, da FGV, Jan/Jun 1985.v.25 p. 5-14.

FEAM - Fundação Estadual de Meio Ambiente & FIEMG Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais. **Guia Técnico Ambiental da Indústria Têxtil**. Disponível em: <http://www.feam.br/images/stories/producao_sustentavel/GUIAS_TECNICOS_AMBIENT AIS/guia_textil.pdf> Acesso em: 18/06/2015

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HARVEY, D. **A Condição Pós-Moderna**. 19 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2010.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/paraguacu/panorama>> Acesso em: 24/03/2020>

LEITE, M. de P. Tecendo a precarização: trabalho a domicílio e estratégias sindicais na indústria de confecção em São Paulo. **Trab. educ. saúde** [online]. 2004, vol.2, n.1, p.57-94.

LONGHI, T.C; SANTOS, F.A.N.V. Uma análise crítica das condições de trabalho na indústria têxtil desde a industrialização do setor até os dias atuais. **HFD Revista**. Florianópolis, v.5, n.10, ago/dez 2016. p.73-90.

NEVES, M. de A; PEDROSA, Célia M. Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. **Sociedade e Estado**. 2007, vol.22, n.1, p. 11-34.

PARAGUAÇU Têxtil. **A Paraguaçu Têxtil**. Disponível em: <http://www.paraguacutextil.com.br> . Acesso em: 21 mai. 2015

Câmara Municipal de Paraguaçu-MG - Disponível em:<<http://camaradeparaguacu.mg.gov.br>> Acesso em: 12/05/2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARAGUAÇU. **Plano de Inventário de Proteção do Acervo Cultural**. Paraguaçu-MG, abril 2005.

RAIS - **Relação Anual de Informações Sociais, Ministério do Trabalho e do Emprego**, Brasil. Disponível em: <http://www.rais.gov.br/sitio/index.jsfAcessado> Acesso em: 29/05/2016

SANTOS. M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

VIETRO, A. de F. **O processo de industrialização de Apucarana: a capital nacional do boné**. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, 2006.

Submetido em: maio 2020

Aceito em: setembro 2020